



**MOSTRATIVOS NO PORTUÊS E NO  
JAPONÊS: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE  
SEGUNDA LÍNGUA**

**Maria Teresa Tedesco  
Carolina Soares Costa**

# Maria Teresa Tedesco Carolina Soares Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Brasil

*Mostrativos no português e no japonês: reflexões para o ensino de segunda língua*

*Demonstratives in Portuguese and Japanese: reflections for second language  
teaching*

**Resumo:** Os Mostrativos são elementos linguísticos fundamentais que expressam relações de espaço, de tempo, em perspectiva das intenções dos interlocutores em diferentes línguas. Este artigo explora as funções e os usos dos mostrativos no português brasileiro e no japonês, destacando suas diferenças linguísticas e culturais. Fundamentado em análise bibliográfica, o estudo compara o sistema tricotômico do japonês, estruturado nas classes **KO**, **SO** e **A**, com o emergente sistema dicotômico do português brasileiro, marcado pela unificação entre os mostrativos “este” e “esse”. Enquanto o português reduz distinções físicas e temporais em favor de uma simplificação funcional, o japonês preserva uma complexidade subjetiva, influenciada por valores culturais como polidez e hierarquia. Fatores históricos, como a introdução da gramática ocidental no Japão por meio dos rangaku (estudos holandeses, que marcaram o período de abertura às ciências europeias), moldaram conceitos linguísticos distintos. Além disso, o estudo examina a persistência do sistema tricotômico no japonês em contraste com a tendência de simplificação, observada em outras línguas latinas. Por fim, o artigo explora os desafios enfrentados por aprendizes de ambas as línguas, ressaltando o impacto das particularidades culturais e estruturais no processo de ensino e de aprendizado de segunda língua.

**Palavras-chave:** Ensino de segunda língua; Línguas Portuguesa e Japonesa; Mostrativos; Variação Linguística.

**Abstract:** Demonstratives are fundamental linguistic elements that express spatial, temporal, and perspectival relations based on the intentions of interlocutors in different languages. This article explores the functions and uses of demonstratives in Brazilian Portuguese and Japanese, highlighting their linguistic and cultural differences. Based on a bibliographic analysis, the study compares the trichotomic system of Japanese, structured into KO, SO, and A classes, with the emerging dichotomic system of Brazilian Portuguese, marked by the unification of the demonstratives "este" and "esse." While Portuguese reduces physical and temporal distinctions in favor of functional simplification, Japanese preserves subjective complexity, influenced by cultural values such as politeness and hierarchy. Historical factors, such as the introduction of Western grammar in Japan through rangaku (Dutch studies, which marked the period of openness to European sciences), shaped distinct linguistic concepts. Furthermore, the study examines the persistence of the trichotomic system in Japanese compared to the simplification trend observed in other Latin languages. Finally, the article explores the challenges faced by learners of both languages, emphasizing the impact of cultural and structural particularities on the process of teaching and learning a second language.

**Keywords:** Second Language Teaching; Portuguese and Japanese Languages; Demonstratives; Linguistic Variation.

## 1. Introdução

Este estudo se propõe à análise comparativa entre os mostrativos na Língua Portuguesa Brasileira e na Língua Japonesa, motivada pela observação das particularidades de seu uso em ambos os idiomas. A partir de investigações anteriores, como as de Roncarati (2003) e Mollica (2003), surgiram questionamentos que desafiavam a compreensão das funções e das variações desses elementos linguísticos. O objetivo deste trabalho é explorar diferenças e semelhanças, oferecendo uma visão mais aprofundada sobre como os mostrativos se manifestam em contextos de variação linguística, considerando as influências históricas e culturais que moldam seus significados e suas funções textuais-discursivas. O paralelo entre ambas as línguas traz à tona semelhanças e diferenças entre as duas línguas tão distantes, geográfica e gramaticalmente.

No português, muitos autores consideram o que estamos chamando aqui de "mostrativos" equivalentes ao termo "pronomes demonstrativos" como no caso de "este" ou "isto", "esse" ou "isso", e "aquele". O termo mostrativo já está admitido, em detrimento de pronomes demonstrativos, considerando inclusive o termo como mais adequado, dado que outros vocábulos, não considerados pronomes, podem entrar na classificação dos mostrativos por suas características semelhantes no que diz respeito a suas funções dêiticas e proformas, tanto anafóricas quanto catafóricas.

Essa definição, contudo, em japonês não é tão simples, uma vez que a concepção de "pronome" tem procedência do ocidente, principalmente com a gramática holandesa, adaptada para os conceitos da Língua Japonesa, não tendo sido feita essa adaptação, de forma totalmente exata. Somente no século XIX, Shigenobu Tsurumine (1831) com sua inédita gramática "*Gogaku Shinsbo*" (Novo Tratado da Língua Japonesa) fundamentou a teoria da Língua Japonesa, baseada na gramática holandesa, estabelecendo seus princípios como regras gerais e universais, uma influência do que chamamos *rangaku* (estudos holandeses) que se espalhou pela cultura japonesa em diversas áreas das ciências e das humanidades. A correspondência do termo "pronome" em japonês 代名詞 "*dai-meishi*" (literalmente significa: palavra que substitui o nome) dificultou sua concepção geral e o entendimento de toda a amplitude de suas funções, o que, não só perdurou na gramática japonesa por bastante tempo, tendo prejudicado seu entendimento (Fukasawa, 1986, p.38-39). Foi somente nos estudos linguísticos da contemporaneidade que outros gramáticos japoneses começaram a abordar o papel de mostração e das relações que tais elementos pronominais estabelecem

---

<sup>1</sup> Neste artigo será utilizado o sistema Hepburn de romanização da Língua Japonesa para maior clareza e facilitação de leitura por falantes de Português.

dentro do enunciado, passando, muitos deles, a chamá-los de termos equivalentes a "mostrativos", na língua japonesa.

## 2. Dêixis e anáfora na Língua Japonesa

A questão da dêixis na Língua Japonesa é principalmente tratada quando relacionada com o ensino e a aprendizagem do japonês como língua estrangeira. Para os nativos falantes brasileiros, ao começarem a estudar a língua japonesa, se deparam com uma questão da dêixis que parece não fazer tanto sentido se comparada com a Língua Portuguesa falada no Brasil. Isso se deve porque, no japonês, a dêixis, principalmente a espacial, possui marcação extremamente relevante na língua, tanto falada quanto escrita. Essa diferenciação não acontece da mesma forma no português.

A divisão entre mostrativos pessoais e não pessoais não é exatamente uma percepção japonesa, pois os mostrativos na Língua Japonesa podem se referir tanto a coisas quanto pessoas, sem qualquer alteração, agrupando-as em uma única classe. É essencial comentar que tanto os mostrativos dêíticos quanto os mostrativos anafóricos japoneses possuem uma relação subjetiva entre remetente e destinatário sob o conceito da teoria *nawabari* (área de domínio) muito relevante para a compreensão da função de mostração na Língua Japonesa (Fukasawa, 1987, pp.46-50). A teoria *nawabari* expressa a área a qual o mostrativo está se relacionando. Normalmente, representada por círculos, ela indica o que está no domínio do remetente (primeira pessoa) representado pela forma **KO**, o domínio do destinatário (segunda pessoa), representado pela forma **SO** e o domínio fora do eixo eu-tu (terceira pessoa), representado pela forma **A**. Esses domínios nem sempre indicam somente espaço físico, mas também psicológico.

O caráter subjetivo dos conceitos de modéstia, de respeito, de polidez e de desprezo, fortemente impregnado nos mostrativos, explicaria as diversas formas de designar a primeira pessoa (eu), a segunda pessoa (tu) e a terceira pessoa (ele) na Língua Japonesa. O remetente, então, no momento de se dirigir a alguém, identifica e seleciona a forma mais adequada, considerando sua relação com o destinatário. Desta forma, traça a linha entre o indicador de tratamento e os valores sociais que abarcam toda a sociedade e a cultura japonesa. É mister mencionar que o fator subjetivo, em japonês, está fortemente ligado à percepção do destinatário pelo remetente, ainda que o foco do processo de enunciado e de enunciação seja o remetente, o caráter valorativo social da cultura japonesa, fazendo com que, consciente ou inconscientemente, o remetente escolha seus mostrativos, de acordo com sua relação ou o valor que quer transmitir para o destinatário. Portanto, quando um assalariado japonês se dirige ao seu chefe, aquela busca palavras de polidez e modéstia para demonstrar que se

encontra hierarquicamente inferior a esse, demonstrando que o grau de intimidade entre eles é profissional (Fukasawa, 1986, p.73).

### 3. Variantes na língua japonesa

Ao iniciarmos os estudos na língua nipônica como língua estrangeira, é dito que existem regras claras e fixas sobre o uso correto da dêixis. As regras são: a) sempre que nos referirmos a algo que está próximo ou relacionado ao remetente deve-se usar *これ / この* "K~~O~~re/K~~O~~no" (isto/este); b) sempre que nos referirmos a algo que está próximo ou relacionado ao destinatário deve-se usar *それ / その* "S~~O~~re/S~~O~~no" (isso/esse); c) sempre que nos referirmos a algo que está longe do remetente e do destinatário deve-se usar *あれ / あの* "A~~r~~e/A~~n~~o" (aquilo/aquele). Essas regras, ensinadas como usos prescritivos, como leis linguísticas para os estudantes de língua japonesa, estão contidas nas gramáticas tradicionais desde tempos antigos e permanecem, no ensino dessa língua, até hoje.

Contudo, estudos de Watanabe, em 1952, mostram que os critérios endurecidos de proximidade e de distância não apresentam unanimidade em seus usos. Watanabe contesta a tradição gramatical, admitindo que o critério de distanciamento não é suficiente para classificar os dêiticos. O autor defende que é preciso considerar o significado de cada mostrativo dêitico, tendo como medida semântico-discursiva, as situações de discurso em que aparecem, chamando de *genko kankaku* (sensibilidade linguística) e *shikō* (faculdade de pensar), dois elementos essenciais para as diferentes funções gramaticais desempenhadas pelos mostrativos. Em sua pesquisa, Watanabe apresentou a estudantes universitárias um diálogo com nove tipos de combinações diferentes dos dêiticos "kore" (isto), "sore" (isso) e "are" (aquilo), investigando sobre a possibilidade de uso ou não dessas combinações na língua japonesa.

Dentro das combinações desses diálogos que foram testadas, existem, em teoria, somente três possibilidades prescritas pela gramática normativa japonesa, seguindo as regras da gramática normativa já apresentadas. Essas combinações são:

a) quando o falante A se dirige a algo que está próximo dele usando **KORE** (isto), consequentemente o falante B responde se referindo a esse mesmo objeto que está próximo do falante A com **SORE** (isso);

b) quando o falante A se dirige a algo próximo do falante B, utilizando **SORE** (isso), já o falante B responde se referindo ao que está próximo ao falante A com **KORE** (isto);

c) quando o falante A se dirige a algo que está distante tanto dele quanto do falante B, utilizando **ARE** (aquilo), e o falante B responde se referindo a esse algo que está distante de ambos com **ARE** (aquilo).

Os resultados da pesquisa de Watanabe apontam para variantes linguísticas no uso de pronomes japoneses, um importante passo para o desenvolvimento de estudos sociolinguísticos de uma língua e cultura que parecem ter tantas regras, tão irredutíveis. Os dados encontrados na pesquisa de percepção do autor apontam para variantes coexistentes que não estavam prescritas, na medida que as possibilidades a seguir são consideradas pelos participantes como aceitáveis e inaceitáveis dentro da Língua Japonesa. A seguir, apresenta-se o quadro com as formas alternantes em estudo.

Tabela 1. Aceitação das combinações testadas dentro da língua japonesa

	Remetente Pergunta	Tradução	Destinatário Resposta	Tradução	Aceitação
1	<b>KORE</b> wa...	isto...	<b>KORE</b> wa...	isto...	aceitável
2	<b>KORE</b> wa...	isto...	<b>SORE</b> wa...	isto...	aceitável
3	<b>KORE</b> wa...	isto...	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	inaceitável
4	<b>SORE</b> wa...	isso...	<b>KORE</b> wa...	isto...	aceitável
5	<b>SORE</b> wa...	isso...	<b>SORE</b> wa...	isto...	aceitável
6	<b>SORE</b> wa...	isso...	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	inaceitável
7	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	<b>KORE</b> wa...	isto...	inaceitável
8	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	<b>SORE</b> wa...	isto...	inaceitável
9	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	<b>ARE</b> wa...	aquilo...	aceitável

Fonte: Watanabe, 1952

O que os resultados de uso mostram é algo não prescrito e aceito nas gramáticas japonesas, ou seja, as possibilidades de combinações que não se adequam quanto ao critério de distância espacial em relação às pessoas do discurso (primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa), conceitos muito rígidos nos ensinamentos da Língua Japonesa, como já enfatizado. Das combinações testadas, as consideradas aceitáveis são os tipos 1, 2, 4, 5 e 9. Não é nenhuma surpresa que as combinações 2, 4 e 9 estejam dentro das combinações aceitáveis, visto que constam das normas gramaticais, e são justamente as apresentadas anteriormente nos itens a), b) e c). O uso surpreendente está centrado nas variedades 1 e 5 que não seriam explicadas pelas regras simples de distanciamento.

Para essas formas variáveis de uso, Watanabe propõe explicações para essas combinações serem consideradas aceitáveis pelos falantes nativos de japonês. A primeira dela diz respeito às posições dos falantes, que estariam em oposição na conversação ou lado a lado, assim como as áreas de domínio (*namabari*). A situação apresenta o uso de **SO** e **KO**

representando essa oposição frente a frente - o eixo eu-tu de um diálogo tradicional, na mesma posição o uso de **A** e **A** pelos dois falantes, indicando o distanciamento de ambos do alvo do discurso; na segunda posição, o uso **SO** e **SO, quando** os falantes se encontram em uma área de domínio um ao lado do outro. Ao se referirem, porém, a algo consideram, em primeiro lugar, que estaria na área do destinatário do falante A e depois do destinatário do falante B. Essa representação pode indicar um distanciamento psicológico dos falantes em relação ao objeto, distanciando-os de si mesmos e transferindo para o outro a “propriedade” da coisa; a terceira situação permite a ambos se considerarem dentro da mesma “área de domínio” (*nawabari*) e utilizarem **KO** e **KO** quando ambos se referirem a algo que consideram perto dessa mesma área de domínio.

Essas percepções extrapolam o que é descrito na tradição gramatical. São defendidas pelo autor, que destaca serem os aspectos psicológico ou o intencional, os mais importantes para o uso dos mostrativos dêíticos. Esses aspectos estão determinados pelos protagonistas do discurso. Dessa maneira, postula o autor que o uso das formas não registradas na tradição gramatical, mas aceitas por seus falantes, seria explicado pelo destaque discursivo do uso, considerando a intenção comunicativa, portanto, estabelecendo mais do que uma “mostração”, um verdadeiro protagonismo de quem fala, em detrimento do “mero” objetivo de marcação de distâncias físicas do objeto de enunciação, o que revela uma real abordagem de uso, considerando o caráter discursivo da língua.

#### **4. Dêixis e anáfora na língua portuguesa do Brasil a exemplo de outras línguas**

De acordo com Roncarati (2003, p. 139), em relação aos mostrativos na Língua Portuguesa falada no Brasil, podemos destacar a “face diádica dos mostrativos, dêítica e fórica” (Roncarati, 2003, p.139) juntamente com sua relação com os domínios referenciais, pois esses facilitam as estratégias de compreensão textual que os mostrativos podem proporcionar no discurso. Atualmente no português falado no Brasil, faz-se pouca, ou nenhuma, distinção entre os mostrativos “este/isto” e “esse/isso”, seja na língua falada, seja na língua escrita. Roncarati (2003) apresenta resultados que vão ao encontro do que já se nota e é esperado sobre o uso desses mostrativos, que não só a distinção é praticamente inexistente, como também existe uma preferência clara pelo emprego de “esse” em prejuízo do uso de “este”.

O termo mostrativo, amplamente usado e considerado neste artigo, foi adotado por Castilho e coloca os demonstrativos de primeira, segunda e terceira pessoas, os advérbios “aqui”, “ali”, “lá” e os clíticos em uma mesma classe, por suas semelhanças nas propriedades sintático-semânticas. Essas mesmas propriedades levaram autores japoneses a considerar os

mostrativos em detrimento da nomenclatura de pronome, para abarcar advérbios e outros termos que possuem essa propriedade.

O valor *default* - propriedade semânticas básicas - dos mostrativos, segundo Cunha & Cintra (2017) e Moura Neves (2011), definem os pronomes de primeira pessoa "este/isto" e suas flexões, relativos diretamente ao falante, indicando proximidade e/ou referente presente durante o processo de enunciação; os pronomes de segunda pessoa "esse/isso" e suas flexões são relativos ao ouvinte, indicando proximidade intermediária ou distante, tempo passado ou futuro não muito distantes; os pronomes de terceira pessoa "aquele/aquilo" são relativos a coisa ou pessoa que não fazem parte do discurso, "uma não pessoa" (Roncarati, 2003, pp.139), relativos a referências longe e passado remoto ou vago.

Câmara Jr., desde 1979 (2011), já anunciava a redução dos mostrativos de três tipos (este, esse e aquele) para dois tipos, sendo de um lado "este" e "esse", que teriam a mesma equivalência gramatical, estilisticamente diferentes, porém, contestando com "aquele" que marca o distanciamento do ponto de vista do falante. Indo ao encontro da perspectiva de Câmara Jr., a pesquisa de Roncarati (2000) sobre os mostrativos na fala carioca encontra resultados que apontam empiricamente para essa tendência díade dos mostrativos do português brasileiro, na qual os seus falantes se inclinam a repor os mostrativos de primeira pessoa (este e isto) por mostrativos de segunda pessoa (esse e isso). Os resultados da pesquisa de Roncarati demonstram o maior uso de "esse" em detrimento de "este". Vale lembrar que a pesquisa feita por Cid, Costa & Oliveira, em 1986, com dados do projeto NURC/RJ já apontavam para a priorização do mostrativo de segunda pessoa "esse" em discurso universitário, aparecendo em 91,8% das vezes do discurso do falante culto carioca. A autora indica que seus resultados são característicos do fenômeno da teoria variacionista chamado "encaixamento", apontando uma tendência de

"reconfiguração dos domínios de referência dos mostrativos neutros e não-neutros de primeira e segunda pessoas, processos inequívocos deslocamento da propriedade semântica básica de centração no falante (perda de referência centrada na pessoa do discurso) e no contexto imediato" (Roncarati, 2003, pp.140)

Essas tendências, possivelmente, podem estar demonstrando um processo defendido por muitos autores, qual seja, de alteração do sistema tricotômico dos mostrativos para um sistema dicotômico, muito mais presente na fala, pois o português escrito, principalmente o formal, ainda mantém uma distinção entre "esse", indicando algo que acabou de ser mencionado; por seu turno, "este", algo que ainda será mencionado.

A condensação do sistema tricotômico dos pronomes demonstrativos anafóricos para o dicotômico apresenta um procedimento de mudança que acompanha outros sistemas

linguísticos pelo mundo. Línguas como a italiana, por exemplo, com "*questo/quello*", a provençal com "*acest/accel*", o catalão com "*aqueat/aquell*", o rético com "*kuest/kuel*" e o romeno com "*acest/accel*" se tornaram um sistema dicotômico. Já na língua francesa o sistema passou a ser único, os elementos "*ce*", "*ci*" e "*là*", que indicam, tanto a relação de proximidade quanto a de distanciamento. Tais sistemas linguísticos se constituem muito diferente do sistema linguístico japonês que não apresenta essa redução nos mostrativos, conforme 3, permanecendo com seu sistema tricotômico forte, ainda que o caráter subjetivo possa superar o de distanciamento objetivo (físico), mas conservando a repartição de **KO** para indicar proximidade e elementos do remetente, **SO** para distância intermediária e elementos do destinatário e **A** para distanciamento grande e elementos fora do discurso.

Outro aspecto que atua como um mecanismo compensatório para a transformação do sistema dos mostrativos de tricotômico para dicotômico é o reforço usado através do advérbio dêítico, servindo como especificador do *status* discursivo dos referentes. Os resultados da pesquisa de Roncarati dos mostrativos na fala carioca apontam para restituição do sistema ternário comprometido por intermédio da conciliação com os advérbios, e com os quantificadores resumitivos em menor proporção (Roncarati, 2003, p. 144).

A diminuição do sistema paradigmático pronominal é apontada por Duarte (citado em Roncaratti, 2003) com a reconfiguração dos pronomes pessoais em virtude da redução nas desinências verbais, transformando as características de língua *pro-drop* do português brasileiro. O japonês é uma língua em que a característica *pro-drop* pode ser encontrada em todos os contextos gramaticais, devido ao caráter de alto grau de elipse de sua estrutura contextual, sendo considerada como *pro-drop* extremamente radical, uma vez que sua estrutura verbal permite a compreensão total mesmo com a omissão total do sujeito e do objeto. Diferente da língua asiática, no português brasileiro, essa característica é mais limitada, e é mais comum quando o pronome pessoal é o sujeito da frase, apresentando menos características *pro-drop* do que outras línguas latinas como o italiano que é *pro-drop* radical.

## 5. Mostrativos no aprendizado de segunda língua

Distinta do japonês e do italiano, a Língua Portuguesa apresenta maior quantidade de mostrativos, o que pode causar uma série de dificuldades, quando o assunto é aprender português, como segunda língua. É importante ressaltar que, embora mais numerosos, os mostrativos "este/isto" e "esses /isso" não possuem distinção na fala do português brasileiro, bem como muitos outros mostrativos estão caindo em desuso nessa modalidade da língua. De acordo com Arruda (2008) os pronomes átonos (o, a, os, as) são mostrativos quando antecedem o pronome "que" ou a preposição "de". Os clíticos "o", "a", "os" e "as"

são raros nos falares diários dos brasileiros, sendo muito presente no português europeu. Esse fato tem sido objeto de estudos recorrentes que indicam a mudança de uso para os pronomes tônicos.

Cunha & Cintra (2017) colocam “isto”, “isso” e “aquilo” como pronomes invariáveis e, igualmente, os classifica sempre como pronomes substantivos. Os pronomes “este/a”, “esse/a” e “aquele/a” como pronomes variáveis e podendo tanto ser pronomes adjetivos como pronomes substantivos. Os autores tratam do uso dos pronomes “este/a” e “isto” para aludir ao que está perto do remetente e no tempo presente; já, os pronomes “esse/a” e “isso” para o que está perto do destinatário e no tempo passado ou futuro, enquanto os pronomes “aquele/a” e “aquilo” para o que está afastado do eixo eu-tu e em um tempo remoto e/ou vago.

Os mostrativos invariáveis “isto”, “isso” e “aquilo”, segundo Ferreira, Cardoso e Melo-Pfeifer (2020) podem ser utilizados para substituir um nome referente a uma entidade inanimada, variando conforme a referência de localidade do remetente ou substituindo integralmente uma oração. Os autores também destacam o valor afetivo dos mostrativos, algo semelhante ao que Watanabe (1952) propõe em sua pesquisa. Cunha (1986) fala que o uso dos pronomes invariáveis aplicados para pessoas carrega forte valor depreciativo. A ideia dos mostrativos terem valor afetivo na Língua Portuguesa é, quase sempre, associada aos mostrativos invariáveis em caráter irônico ou de desprezo. Como mostra Cunha (1986), parece que não pensamos de maneira tão consciente nesse valor como o fazem os japoneses, nem utilizamos todos os mostrativos para demonstrar tantos valores psicológicos.

Duas das principais dificuldades dos usos dos pronomes para falantes no aprendizado do português como segunda língua são o uso adequado dos mostrativos invariáveis (isto, isso e aquilo) e a distinção ou a neutralização entre os mostrativos “este/a” e “esse/a”. No primeiro caso, Correia (2021) apresenta um relatório das dificuldades dos alunos italianos em aprender a usar esses mostrativos na Língua Portuguesa, especialmente por não existirem correspondentes exatos em sua língua materna. Os alunos acabam utilizando a forma de primeira pessoa “este/a” pois é a que corresponde a *questo/questa* em italiano, que seria a forma utilizada na situação correspondente em sua língua.

No japonês, os mostrativos das formas **KO**, **SO** e **A** são todos invariáveis e são utilizados tanto para compor os mostrativos **KOre**, **SOre** e **Are** que correspondem a “isto”, “isso” e “aquilo”, quanto para os **KOno**, **SOno** e **Ano** que corresponde a este/a”, “esse/a” e “aquele/a”<sup>2</sup>. Por não serem variáveis, quando os nativos japoneses aprendem a Língua

---

<sup>2</sup> É necessário esclarecer que essas correspondências foram escolhidas pelas autoras, considerando suas funções adjetivas e substantivas, uma vez que os mostrativos **KOno**, **SOno** e **Ano** são sempre adjetivos, acompanhando nomes, enquanto os mostrativos **KOre**, **SOre** e **Are** são substantivos e podem substituir outros elementos. Essa definição não é nem um pouco unânime e muitas traduções consideram ambas as formas em português (variáveis e invariáveis) para os mostrativos japoneses.

Portuguesa, frequentemente, a flexão é perdida, tanto de gênero quanto de número, pois em japonês não existe flexão de número. A Língua Japonesa apresenta a razão oposta da língua italiana quando nos referimos à segunda dificuldade.

Os japoneses tendem a marcar o uso distinto de “este/a” e “isto” com “esse/a” e “isso”, seguindo a gramática Portuguesa, bem como os falantes lusitanos. Causam, porém, pequeno estranhamento para os falantes brasileiros, que além de não distinguirem, tem uma preferência pelo uso de “esse” (Roncarati, 2020; Costa & Oliveira, 1986). Em seu trabalho, Correia (2021) expõe uma certa tendência dos estudantes italianos de neutralizar “este/a” e “esse/a” em decorrência, do que acredita ser transferência do uso dos mostrativos em italiano. A autora apresenta essa dificuldade como uma questão mais grave, uma vez que no português europeu não há essa neutralidade como há na variante brasileira. A fim de apresentar as ocorrências dos mostrativos nas duas línguas que compõem o foco desta pesquisa, apresenta-se um quadro comparativo da coexistência de usos.

Tabela 2. Mostrativos do japonês e do português

Mostrativos	Português	japonês	Português	Japonês	Português	Japonês
Masculino singular	este	<i>kono</i>	esse	<i>sono</i>	aquele	<i>ano</i>
Masculino Plural	estes	<i>kono</i>	esses	<i>sono</i>	aqueles	<i>ano</i>
Feminio Singular	esta	<i>kono</i>	essa	<i>sono</i>	aquela	<i>ano</i>
Feminino Plural	estas	<i>kono</i>	essas	<i>sono</i>	aquelas	<i>ano</i>
Invariável	isto	<i>kore</i>	isso	<i>sore</i>	aquilo	<i>are</i>

Fonte: Elaborada pelas autoras

## 6. Considerações finais

O paralelo dos mostrativos da Língua Japonesa com as línguas ocidentais, no caso deste artigo, com ênfase na Língua Portuguesa falada no Brasil, apresenta vários pontos de convergência e vários pontos de divergência quanto aos usos linguísticos do fenômeno em tela. O aprendizado das línguas como segunda língua ou língua adicional traz questionamento sobre as dificuldades encontradas pelos estudantes na compreensão ampla para o uso dos mostrativos. As dificuldades, no entanto, apresentam-se, curiosamente, de formas diferentes. É essencial contrastar as teorias japonesas com várias teorias ocidentais correlatas.

As noções de subjetividade dominante nos pronomes difundidas por Sakuma, Ide, Takahashi e outros, foram apresentadas e, no estudo sobre a dêixis de Benveniste, a função

de unicidade e de inversibilidade do autor é deveras próxima da teoria de *ba* (situação de enunciação) e *bamen* (situação de enunciado) de Takahashi, Ide e Okamura. Outras teorias que se aproximam é a *jibun* (si mesmo) e *aite* (parceiro/o outro) proposta por Takahashi do conceito da "consciência do papel do remetente daquele que se diz *eu*" de Benveniste, assim como também estão contidos os princípios linguísticos da subjetividade, da dialética entre o *eu-tu* de Takahashi. Bloomfield (1984) e Halliday e Hasan (2014) também trazem trabalhos que se aproximam das teorias linguísticas japonesas. O primeiro com a noção de substitutos pessoais e substitutos anafóricos; os segundos, em *Cohesion in English*, indicaram diferenças entre o que eles chamam de "*endophoric reference*" (referências anafóricas) e "*exophoric reference*" (referências dêíticas) entre outras noções, como a dos papéis do *speaker* (falante) e *addressee* (ouvinte) se assemelhando, mais uma vez, à teoria de *jibun* e *aite*.

Os estudos sobre o uso real dos mostrativos em diversas línguas, segundo a sociolinguística, oferecem munção para repensar sobre como o senso comum ainda propaga uma visão limitada dos aspectos linguísticos de dado sistema de língua. Inclui-se como elemento destoante o pensar na divisão tripartite das classes **KO**, **SO** e **A** como é ensinado nos cursos de Língua Japonesa, puramente baseada no critério de proximidade e distanciamento espacial do alvo do enunciado.

Na análise aqui proposta, um pequeno comparativo entre os mostrativos da Língua Japonesa, especialmente os da classe **KO**, **SO** e **A**, com os mostrativos da Língua Portuguesa do Brasil, com destaque para "este/isto", "esse/isso" e "aquele/aquilo", aparecem conceitos de destaque na língua asiática que possuem, em grande parte, análogos nas línguas ocidentais. Seguramente a característica mais forte no estudo dos mostrativos japoneses é a intenção comunicativa, conduzida pelo remetente, que busca, por meio, dos valores sociais (desprezo, respeito, modéstia, dentro outras características subjetivas) imprimir sua intenção em relação ao que foi referenciado. Nesse ponto, muito diferente dos mostrativos da língua portuguesa que não possuem uma carga valorativa muito expressa, são utilizados com as mesmas propriedades.

No japonês, apenas pela escolha de um mostrativo pelo remetente no lugar de outro, a depender do momento da fala, pode-se indicar proximidade e ou distanciamento com o destinatário ou com o alvo da fala, em outras palavras, o remetente pode escolher usar **KOre** (este), quando "deveria" utilizar **SOre** (esse) para se referir ao destinatário com o objetivo de aproximar o destinatário da área de domínio (*nawabari*) do remetente, representando intimidade ou supremacia/poder, da mesma forma que, ao apresentar uma pessoa a outra, se o remetente se utilizar de **SO***no kata* (essa pessoa), estaria se distanciando da pessoa apresentada e praticando um ato de descortesia. Outra característica que diferencia os mostrativos e aponta para uma forte tendência de mudança na Língua Portuguesa, corroborada por diversas pesquisas (ver Roncarati 2003, Cid, Costa & Oliveira 1986, Castilho

1990 etc.), é a redução do sistema tricotômico (este X esse X aquele) para um sistema dicotômico (este/esse X aquele), algo que não parece estar acontecendo na Língua Japonesa, que mantém seu padrão tricotômico (**KO**, **SO** e **A**) mesmo quando os mostrativos são utilizados em caráter subjetivo. Essa posição do português brasileiro em relação aos mostrativos "este" e "esse", também, aponta para o uso sem discriminação em relação à distância física ou subjetiva, só permanecendo na língua escrita em modalidade mais formal, como anáfora (esse) e catáfora (este).

### Referências bibliográficas

- Arruda, Lígia, 2008. Gramática de Português Língua Não Materna. Porto: Porto Editora
- Bloomfield, L. (1984). *Language*. University of Chicago.
- Câmara Jr., J. M. (2011). *Estrutura da Língua Portuguesa*. (44. ed.). Vozes.
- Castilho, A. T. D. (1990). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. (1. ed.) Contexto.
- Cid, O., Costa, M. C., & Oliveira, C. T. (1986). Este e esse na fala culta do Rio de Janeiro. *Estudos Linguísticos e literários* (5), 195-208.
- Correia, B. S. A. L. F. (2021). *Problemas associados ao conhecimento e uso dos pronomes e determinantes demonstrativos por alunos italo falantes de Português Língua Estrangeira*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho].  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76884/1/Relat%0c3%b3rio%2bde%2bEst%0c3%a1gio%2bBruna%2bCorreia.pdf>.
- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (2017). *Nova gramática do português contemporâneo* (9ª ed.). Editora Bertrand Brasil.
- Cunha, C. (1986). *Gramática essencial do português*. Nova Fronteira.
- Halliday, M.A.K, & Hasan, R. (2014). *Cohesion in English*. (1. ed.). Routledge.
- Mollica, M. C. D. M. (2003). Relativas em Tempo Real no Português Brasileiro Contemporâneo. In: M. D. C. De Paiva, M. E. L. Duarte. (Eds.). *Mudança linguística em tempo real*. (pp. 129-138). Contracapa Livraria Ltda.
- Moura Neves, M. H. D. (2011). *Gramáticas de Uso do Português*. (2nd. ed.) Unesp.
- Roncarati, C. (2003) Os Mostrativos na Variedade Carioca Falada. In: M. D. C. De Paiva, & M. E. L. Duarte. (Eds.). *Mudança linguística em tempo real*. (pp. 139-157) Contracapa Livraria Ltda.
- Ota, J. (1995). A Determinação Nominal (*Rentai Shūsboku*) do Japonês: algumas considerações em contraste com o Português. *Estudos Japoneses*, v.15, 45-65.
- Fukasawa, L. M. (1986) Dêixis e Anáfora na Língua Japonesa: Um Estudo Gramatical e Linguístico dos Mostrativos, *Estudos Japoneses*, v.6, 37-77.

Fukasawa, L. M. (1987). O Tratamento dos Mostrativos da Língua Japonesa, segundo autores japoneses, *Estudos Japoneses*, v.7, 31-91.

Watanabe, M. (1952). *Shijino Kotoba* "Palavras Mostrativas". *Joshidai Bungaku*, Rev. "Literatura - Universidade Feminina", n.5. Osaka Joshidaigaku Bungakushi.

Yamada, Y. (1970). *Nihon Kōgohō Kōgi*, "Explicações sobre a gramática da Língua Japonesa Falada", Hōbunkan.